



A COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DOS NAVEGANTES



O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1. A COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DOS NAVEGANTES

APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido no âmbito do “Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural (Estudos Diagnósticos e Avaliação Estratégica). Regularização Ambiental do Porto Organizado de Santos. Municípios de Santos, Guarujá e Bertioga /SP”.

O texto reflete a pesquisa realizada entre os anos de 2010 e 2011.

1. A COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DOS NAVEGANTES

A população desta enseada localizada junto à Ponta do Forte, na área Ocidental da Ilha de Santo Amaro, município do Guarujá, chega hoje a vários milhares de pessoas. Apesar de se encontrar ao lado da comunidade da Praia do Goes, separadas unicamente por um morro, esta comunidade encontra-se um pouco descaracterizada da comunidade original que se manteve até há 40 anos atrás, quando a comunidade vivia isolados. Viviam no local cerca de 10 famílias somente e todas tinham como forma de sustento a pesca artesanal. Existiam por volta de 30 pescadores. Atualmente existem cerca de 400 pescadores artesanais. A presença de estrada, o espaço disponível e o local privilegiado e abrigado, logo após o início do Canal do Porto, contribuíram para a vinda de um grande número de famílias exógenas que procuravam trabalho na Baixada Santista na década de 70, 80 e 90, essencialmente.

De acordo com as informações recolhidas, a praia de Santa Cruz dos Navegantes era designada como Praia da Pouca Farinha.

Os mais velhos comentam que até 1953 não existia água potável na comunidade, tendo esta chegado neste ano com a construção do chafariz público, onde os populares tomavam até banho. Até essa data as famílias iam buscar a água no morro mais próximo que tinha uma nascente, carregando-a em vasilhas na cabeça. A escola da comunidade, no tempo em que estudavam, funcionava no Forte da Barra. A professora de nome Josefina, era transportada num barco a remos, vinda de Santos e a escola manteve-se ali até à década de 1960. Até essa data a travessia entre Santos e a Praia da Pouca Farinha era realizada num barco a remos. Na comunidade existia o Sr. Barnabé, o qual tinha algumas embarcações que utilizava para atravessar pessoas e não cobrava nada. Este senhor foi tão importante que a praça principal se chamava Praça Barnabé e não Praça do Mercado como é hoje conhecida. A catraia de travessia foi implantada na década de 70 do século XX.

Até finais dos anos 70 toda a comunidade se conhecia. Porém, na década de 1980 começaram a chegar muitas famílias do Nordeste para trabalhar nas indústrias locais e na construção civil, instalando-se por toda a área.

O símbolo da comunidade é o chafariz da povoação. Este foi mandado edificar em 1953 por Dona Noquinha, moradora local e por Modesto Roma que foi Presidente do Santos Futebol

Clube. A água que o abastecia vinha da Nobara. O chafariz foi recuperado em 2006, mas hoje o seu espaço encontra-se degradado.

No que se refere à arquitetura tradicional, nos anos 60 do século XX existiam apenas poucas casas de pescadores em madeira, praticamente todas elas palafíticas. A cerca dessas casas era feita com redes velhas de pesca e mourões de madeira. Hoje, foi apenas identificada uma casa tradicional em madeira e palafítica, a qual se encontra em avançado estado de deterioração.

O texto que segue traz alguns exemplares do patrimônio material e imaterial desta comunidade.

❖ Embarcações

Os barcos artesanais, denominados botes, podem ter até 9,80 m de comprimento. Normalmente dispõem apenas de um toldo (*torda*) em madeira para proteger do Sol. Estes são utilizados em alto mar. São feitos inteiramente em madeira e são construídos na comunidade, por vezes pelos próprios pescadores. Um homem sozinho leva cerca de 8 meses a construir um bote desses, trabalhando 7 dias por semana das 06:00 às 20:00/21:00 e dispendendo cerca de R\$ 60.000,00 em materiais de construção e equipamentos. Na maioria dos casos o pescador artesanal não dispõe de equipamentos de navegação como radar, bússola, sonar ou outro equipamento, uma vez que o rendimento mensal é muito baixo.

Além dos botes também existem as chatinhas, utilizadas para capturar mexilhão na costeira da rocha durante o defeso do camarão. Boa parte da comunidade já não utiliza a chamada tinta envenenada, uma vez que contamina a água e o pescado. Hoje é comum a utilização do Neutró, um gênero de pinche natural feito com base em óleo de linhaça, sem toxinas. A duração deste produto é de 3 a 4 meses, não permitindo que a craca se cole no casco da embarcação.

Um tipo de barco que já não existe mais na comunidade era o de fundo redondo, utilizado para apanhar peixe.

As canoas monóxilas eram utilizadas na costeira, área natural do costão rochoso entre a Ponta do Sangava e a Ponta Grossa, sendo que também já não existem mais.

❖ Técnicas tradicionais de pesca

A pesca à linha é bastante utilizada na comunidade para a pesca da garopa. Já o processo de pesca do camarão, no bote, é feito da seguinte forma:

1. Abre os *Trongones* (ferros laterais) que permitem sustentar os *aparelhos* (redes), um de cada lado, amarrados pelos cabos;

2. Passar sobre os locais do camarão com o bote;
3. Recolher a rede com ajuda do guincho ou manualmente.

Este tipo de técnica artesanal, apenas permite saber a quantidade do pescado, quando iça as redes. Utiliza-se o *trainete*, que é um tipo de sonda manual (um ferro) que se coloca no aparelho para ter uma ideia aproximada da carga capturada. Assim, quando se puxa o trainete e ele vem com 7 a 10 caroços de camarão, fica-se a saber que a rede está com 5 a 6 kg de camarão.

Outra técnica que se utilizava era a pesca de arrasto feita com 2 barcos artesanais, puxando o *Aparelho* (rede de arrasto), a qual já não se utiliza.

Na pesca de cerco, também inexistente hoje em dia por ser proibida pelo IBAMA, eram utilizadas as canoas monóxilas para puxar a rede. Numa das canoas íam 3 homens e na outra apenas 2. O cerco era armado na costeira entre as pedras, ficando preso por cabos às rochas.

❖ O pescado tradicional

Os principais pescados da comunidade são: o Camarão 7 Barbas (típico de água salgada), a Corvina e a Pescada. O caranguejo é mais coletado no Mangue e pelas comunidades de Ilha Diana e Monte Cabrão, havendo poucos que se dedicam a esse ofício em Santa Cruz dos Navegantes. Há algumas décadas atrás o peixe era tanto que por vezes tinham que abrir o cerco para soltar uma parte, de acordo com os entrevistados. Não existia tanta demanda por peixe e não havia gelo para conservar o mesmo.

A comunidade conta que antigamente existia um Entrepasto, em Santos, localizado entre a balsa de automóveis e a ponte dos práticos, onde todos os pescadores podiam levar o seu peixe e vender diretamente ao público. Havia no local trapiches de madeira para as embarcações acederem, mas hoje o local foi aterrado.

Num bom dia de pesca um pescador artesanal consegue 40 a 50 kg de camarão, porém o normal é fazer 30 a 35 kg.

Prancha 1 – Comunidade Santa Cruz dos Navegantes



Entrevista ao Sr. Orlando Coelho da Silva, morador local com 82 anos.

Botes de pesca artesanal. Entrevista ao Sr. Brás Roberto dos Santos (Neca), pescador artesanal, proprietário e construtor do bote.



Única casa de tipologia caiçara identificada em Santa Cruz dos Navegantes, encontrando-se em mau estado de conservação.

Chafariz ofertado à comunidade por Dona Noquinha, em 1953.



Prancha 2 – Aspectos gerais, Praia Santa Cruz dos Navegantes



Praia da Santa Cruz dos Navegantes (Pouca Farinha) vista do canal.



Praia da Santa Cruz dos Navegantes (Pouca Farinha) vista do canal.